



Teatro Virgínia
TORRES NOVAS

www.teatrodeferro.com
geral@teatrodeferro.com

dura dita dura



TdF TEATROdeFERRO



Teatro Virgínia
TORRES NOVAS

DURA DITA DURA

Teatro de Marionetas

TEATRO VIRGÍNIA Torres Novas

05 Novembro . sexta 10h30 e 14h30 (escolas)

06 Novembro . sábado 21h30 (todos)

Público-alvo M 10 anos

Duração c.50min

Bilhete 5€ e 3€ (adulto/criança)

LOTAÇÃO LIMITADA



Dura Dita Dura é a história de Baltazar, um menino que cresce alguere numa terreola perdida de um Portugal esquecido – mas apertadamente vigiado e auto-vigiado. Baltazar é mudo, mas não surdo. A sua vivacidade de menino fora do baralho conflitua manifestamente com o obscurantismo que caracteriza o Portugal dos pequeninos. Baltazar é um escândalo de silêncio num país silenciado. Mas não se escolhe o lugar e o tempo onde se nasce.

Um espectáculo de marionetas acerca da atmosfera de terror surdo que reinou durante meio século, num país onde as paredes tinham ouvidos. Através do olhar atento, e por vezes atónito, de uma criança bem amada mas permeável ao mal-estar dominante, dá-se a conhecer um passado ainda próximo, que tende contudo a esbater-se nas «brumas da memória»...

Ficha Artística

Texto e Canção Regina Guimarães

Encenação, Cenografia e Marionetas Igor Gandra

Música Michael Nick Fado/Canção Ana Deus

Interpretação Igor Gandra

Desenho de luz Rui Maia e TdF

Direcção de Produção Carla Veloso

Co-produção Teatro de Ferro, Festival Internacional

de Marionetas do Porto, Festival Escrita na Paisagem e Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas de Lisboa

Estrutura financiada pelo MC/DGArtes



Dura, sobre o processo e as apresentações

Nasci depois do Vinte Cinco de Abril (trezentos e setenta dias depois, para ser exacto) e cresci a ouvir as histórias do tempo antes.

A Regina Guimarães nasceu antes da revolução (não sei exactamente quantos dias antes) e tinha uma série de recordações bem vivas desse tempo antes. Mais importante, partilhava desta ideia de que era preciso pensar e falar sobre esse tempo antes.

Durante cerca de dois anos o texto foi chegando aos poucos e durante dois anos fomos conversando sobre o assunto. Descobrimos logo no início que fazia sentido fazer um espectáculo que pudesse ser partilhado também com o público mais novo. No fundo, interessa-nos que os miúdos possam perceber melhor que a liberdade não pode ser tomada como adquirida e que corresponde a uma conquista dos homens e das mulheres, dos povos, que nem sempre foi assim. A força da censura (e das diversas formas de censura) sobre o sujeito na sua relação com o mundo e consigo mesmo, terá sido outro dos horizontes no nosso trabalho sobre esta matéria.

Dura dita dura é a história de um menino que não fala, que não pode falar. É a história de uma *família normal*, de um quotidiano dominado pelo medo.

Como contar esta história? Que recursos utilizar? O texto percorre todo o espectáculo e é em torno deste que tudo foi sendo gerado.

A manipulação de pequenas figuras humanas petrificadas dentro de um “jardim sem cor”, foi o modo que descobrimos de colocar (contar) em cena esta história passada no passado do nosso jardim à beira mar plantado. Procuramos uma forma de ser/estar em cena que se situa entre o encenar de uma narrativa em tempo real e uma brincadeira solitária de um menino infeliz.



Convidámos um compositor estrangeiro (Michael Nick, alemão, radicado em Paris) para nos ajudar a construir o espectáculo. Para além de outras afinidades, interessava-nos um olhar (um escutar) mais distanciado, menos identificado com certos particularismos. A ideia da canção triste, ainda assim, está presente neste espectáculo e é através da voz da Ana Deus que ela nos chega.

Dura Dita Dura é um espectáculo para ver, ouvir, pensar e falar.

Temos tido, no final dos espectáculos, umas conversas muito interessantes com os nossos amigos espectadores. Alguns desses amigos dizem-nos que “gostaram mais de umas coisas do que de outras” e que “não perceberam lá muito bem aquela parte”, outros querem saber “como é que funcionava aquela coisa que fazia assim”. Alguns dos mais velhos dizem que era mesmo assim. De todas as participações, recordo uma de teor crítico, o bombeiro que estava de serviço no teatro decidiu entrar no debate e disse que tinha gostado muito, mas na sua opinião, não tínhamos valorizado suficientemente a ideia de que havia, para além da censura e da repressão, uma enorme pobreza em que vivia a maioria da população e, que essa era também uma forma de controlo.

Igor Gandra



O **Teatro de Ferro** desenvolve o seu trabalho desde 1999, nos campos do teatro de marionetas e movimento. É na fusão destes elementos que o TdF forja o seu vocabulário teatral, performativo e interventivo.

O Teatro de Ferro tem apresentado regularmente, várias produções com objectivos e propósitos distintos embora artisticamente convergentes:

1. Espectáculos para crianças, dirigidos ao público escolar e familiar. O Soldadinho, Blurp [2001], Pisa-Relva [abril 03], Pólo-Pólo [dez. 04], Branca de Neve [maio 2006], Alberto e a bomba [fev. 07] e Dura Dita Dura [maio 09].

2. Ateliês multidisciplinares com duração de seis meses, que se materializam em espectáculos em que participam jovens integrados em projectos de reinserção social. Planeta Boogie e Urbânia [2002], Desmontagem [2003], Desmontagem 2 [2004], Desmontagem 3 (Julho 2005), Desmontagem 4 [julho 06], Desmontagem 4.1 [julho 07], Desmontagem 5 [set. 07] e Desmontagem 6 [julho 09].

3. Espectáculos de pesquisa onde se procuram caminhos inexplorados por este colectivo. Bélamáquina [2000], Next e Bélamáquina 2.0 [2002], Prometeu [jan. 04], Topgun [out. 2004], Sexta-Feira [set. 07], Quase-Solo [jan.2008], Estufa Fria [julho 08], Daydream [nov. 08] e Ópera dos Cinco € [jul.2010].

Desde 2003 tem contado com o apoio do Ministério da Cultura / Direcção Geral das Artes e desde 2006 com o apoio do Município de Gaia, Pelouro da Cultura.

A companhia está sediada na cidade de Gaia onde desenvolve a partir do seu espaço de trabalho uma actividade de âmbito nacional.

O Teatro de Ferro tem a direcção artística de Igor Gandra e Carla Veloso.



Biografia Igor Gandra

Igor Rovisco Gandra nasceu em Viseu em 1975.

Frequentou o Balleteatro escola profissional, iniciando em 1990, o curso profissional de dança e concluindo em 1993, o de teatro.

Entre 1993 e 1999 integrou a equipa permanente do Teatro de Marionetas do Porto.

Na sua formação destaca o estágio do Institut International de la Marionette orientado por Phillippe Genty.

Em 1996 com o Teatro Flúor, dirigiu o espectáculo Viagem a Khonostrov*.

Entre 1997 e 2001 leccionou no Balleteatro Escola Profissional e Centro de Formação.

Em 1999 fundou o Teatro de Ferro, do qual é director artístico e encenador residente. Nesta estrutura dirigiu e co-dirigiu com Carla Veloso cerca de 20 espectáculos.

Tem textos publicados em edições como, Lura – Centro Cultural Vila Flor e Boa União -Teatro Viriato, Actas da conferência nacional de Educação Artística na Casa da Música em 2007.

Sucedendo a Isabel Alves Costa é desde 2009 director artístico do Festival Internacional de Marionetas do Porto.

[Prémios]

*Premiado pelo Clube Português de Artes e Ideias no concurso O Teatro na Década em 1997.

Prémio Revelação Ribeiro da Fonte – Teatro 2004 atribuído pelo Ministério da Cultura / Instituto das Artes.

Medalha de Mérito Cultural e Científico do concelho de Vila Nova de Gaia – 2005.

Troféu Aquilino Ribeiro 2005 na categoria de revelação atribuído pelo Jornal do Centro, Viseu.



Programação no âmbito da rede Teatro Contemporâneo

Co-Financiamento



Bilheteira do Teatro Virgínia
de terça a sábado, das 13h às 19h
249 839 309 ou bilheteira@teatrovirginia.com
www.teatrovirginia.com

Mais informações/fotos ou outros elementos

Sandra Alexandre
Marketing, Comunicação e Imprensa
marketing@teatrovirginia.com | 91 252 61 65

Teatro Virgínia
Largo José Lopes dos Santos
2350-686 Torres Novas
Tel_249 839 300
www.teatrovirginia.com